

Quando menino, em frequência e registro da gráfica pintura indígena - Museu Goeldi . Belém - encontrei a geometria singela: triângulos, espirais, losangos, círculos, cruces, quadrados, sinuosas, arcos, gregas, retas e pontos.

Observei na arte plumária a construção de unidades cromáticas exuberantes: o fenômeno visual das primárias e complementares entre si, senti.

Via arevoada vermelhosa dos guarãs em formação reticular rítmica acima do horizonte praiano - Ilha de Marajó.

No equatorial infinito azul participei do bailado solene e alegre do ritual dos papagaios - pipas - nos domingos festivos de verão.

Então, no Grupo Escolar, exercitei o tema estilização amazônica, com referências consonantes à Fauna e Flora.

Entretimentos e de repente me vi, ainda de calças curtas, convidado para dar aulas particulares de desenho a outros meninos. Agucei a percepção.

Tenho um rio, mas também, navego em afluentes, penetro nos furos e nos remansos, uma pausa amorosa.

Sigo a viagem e descubro na científica fonte: as três formas primárias e as três cores primárias, conseqüentemente um veio para a criatividade, um sonho construído, lírico, ardente, aceso.

Retorno ao meu rio e na bagagem um repertório de atos e fatos significativos apreendidos.

Examino a retícula do antigo clichê frequentando oficina de jornal.

Mais tarde, observei o reticular Seurat, os signos mistilíneos de Van Gogh, o essencial em Malevitch e o espaço estrutural de Mondrian.

Evidenciei em Ulm o escopo construtivo de uma idéia e a sua ótica.

Experimentei o risco do carvão na textura do muro, a trama dos cordões destendidos e os sulcos aflorados dos gravetos na areia.

Na tampinha da garrafa, o acidental aleatório furo-dentro-fora, me levou à incisão e à estrutura de unidades plano-móveis sobrepostos. Tange. Soa. Farfalha.

Floresta. Um canto de pássaro, o Uirapuru, talvez. Em notas.

Tateei os signos rupestres no Museu do Homem, em Paris. Exercício sensorial.

Na ótica sinética brinquei, com humor, através de imagens grafadas nas páginas de livrinhos.

1960. Revolução. Repressão. Censura.

Atinei na capa do livro, o propósito objetivo da chamada - aceno - e não apenas a imagem ilustrativa.

Com selo postal adicionei a síntese dos signos e significados em seu espaço específico. Discurso semântico.

Manejei e transitei na retícula da TV - série Comunicações.

Toquei, em sutis surpresas animadoras para o olho e o espírito - prazer estético-retiniano e luz para a alma. Vida.

Aluísio Carvão
Rio de Janeiro, 1993.